

**O Bebê e seus Intérpretes:  
clínica e pesquisa**

Coleção “*Começos e tropeços na linguagem*”  
dirigida por Erika Parlato-Oliveira

Organização  
Marie Christine Laznik  
David Cohen

# O Bebê e seus Intérpretes: clínica e pesquisa



Instituto  
Langage

Copyright © 2011, Instituto Langage  
Todos os direitos reservados. A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo  
ou em parte, constitui violação de direitos autorais.

**1ª Edição**  
2011

**Editores**  
Erika Parlato-Oliveira  
Sergio Lopes de Oliveira

**Diretora da Coleção**  
Erika Parlato-Oliveira

**Conselho Editorial**

Alfredo Jerusalinsky	Fabio Ancona Lopes
Ana Paula Ramos	Franck Ramus
Benedicto A. D. Vitoriano	Marie Christine Laznik
Claudia M. Fernandes	Marie-Claire Busnel
David Cohen	Rogério Lerner
Emmanuel Dupoux	Severina Silvia Ferreira
Erika Parlato-Oliveira	Thais Cristófaros Silva

**Editoração Eletrônica**  
Sidney Sevilha

**Capa**  
Fabio Abate

**Revisão**  
Ademar M. G. Silva  
Fabio Abate

**Revisão Técnica**  
Erika Parlato-Oliveira  
Sergio Lopes de Oliveira  
Roberta Ecleide O. Gomes-Kelly

**Dados Internacionais de Catalogação (CIP)**

B352 O bebê e seus intérpretes: clínica e pesquisa / Marie Christine Laznik e David Cohen (orgs.); tradução de Erika Parlato-Oliveira, Roberta Ecleide O. Gomes-Kelly, Gabriela Araújo, Sirley Alves da Silva Carvalho. -- São Paulo: Instituto Langage, 2011.

280p. : il.; 21 cm. (Começos e Tropeços na Linguagem)

ISBN

1. Psicanálise 2. Linguagem 3. Medicina 4. Neurociências 5. Mãe-bebê  
6. Crianças autistas 7. Bebês - Cuidados I. Título II. Série

CDD 616.898

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária: Iliria Ruiz Pilissari – CRB-8 – 6151

Impresso no Brasil

Instituto Langage  
Al. Santos, 1.398 – conj. 103 – São Paulo – SP / Telefone: 11 3473-5458  
www.institutolangage.com.br – institutolangage@institutolangage.com.br

## Sumário

- 09 Prefácio
- 13 **Parte I**
- 14 **Clínica e pesquisa**
- 15 A relação de uma mãe psicótica com seu filho:  
acompanhamento de um caso mãe-bebê em um Hospital Dia  
Claude **Boukobza**
- 23 O desenvolvimento da sensorialidade fetal  
Marie-Claire **Busnel**
- 35 Acompanhamento ecográfico pré-natal de gravidez com  
suspeitas de má-formações: estudo do impacto sobre as  
representações maternas  
David **Cohen**  
Sylvie **Viaux-Savelon**  
Ouriel **Rosenblum**  
Philippe **Mazet**  
Marc **Dommergues**
- 45 Proposta de modelagem peirciana: semiose do bebê  
Pierre **Delion**
- 71 Percepção da fala nos bebês  
Emmanuel **Dupoux**
- 79 As formas da voz: o estudo da prosódia na comunicação vocal  
mãe-bebê  
Maya **Gratier**
- 85 Os bebês nas Neurociências e na Psicanálise: a questão da  
memória e da linguagem  
Alfredo **Jerusalinsky**
- 93 Linguagem e comunicação do bebê até os três meses  
Marie Christine **Laznik**
- 101 Sinais transgeracionais relacionais identificáveis  
Myriam **Szejer**

117 Desenvolvimento da intersubjetividade no primeiro ano de vida  
Colwyn **Trevarthen**

## 127 **Parte II**

### 128 **Prematuridade**

129 O Bebê na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal: Dor e Psiquismo Precoce

Maria do Carmo **Camarotti**

137 Holding: o contexto da neurogênese. Aproximações entre Winnicott e a Neurociência do Desenvolvimento

Célia Regina de Souza **Cauduro**

145 Do organismo ao sujeito: a ultrapassagem da imediatez do corpo do bebê prematuro à luz da Aufhebung freudiana

Nanette Zmeri **Frej**

Cynthia Marden **Torres**

Maria de Fátima Vilar de **Melo**

153 Quando a morte é, de fato, prematura - prevenção e intervenções precoces

Sonia **Motta**

### 162 **Intervenção precoce**

163 Desenvolvimento da linguagem e da audição em crianças usuárias de Aparelho de Amplificação Sonora Individual: Estudo de caso

Sirley Alves da Silva **Carvalho**

Armando da Silva Raggi **Grossi**

Letícia Macedo **Penna**

Erika **Parlato-Oliveira**

171 Intervenção precoce: prevenção, tratamento, profilaxia? Reflexões sobre a influência do atendimento às crianças pequenas e a saúde mental na infância

Roberta Eleide de Oliveira **Gomes-Kelly**

179 Aplicação de Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil – ICRDI a vídeos caseiros de crianças diagnosticados como autistas visando a ajustes para detecção de sinais de risco para o autismo

Rogério **Lerner**

David **Cohen**

Filippo **Muratori**

Fabio **Apicella**

Raquel **Cassel**

- 188 **Autismo**  
189 Autismo e mutação cultural  
Michelle **Abeil**  
Telma Corrêa da Nóbrega **Queiroz**  
Jose Roberto de Almeida **Correia**
- 197 Voz, fala e linguagem: a clínica psicanalítica com os que não  
falam  
Inês **Catão**
- 205 O investimento subjetivante do analista na clínica dos transtornos  
autísticos. Cenas de uma intervenção conjunta pais-criança  
Maria Cecília Pereira da **Silva**  
Mariângela Mendes de **Almeida**  
Izelinda Garcia de **Barros**
- 216 **Corpo e psiquismo**  
217 A doença hemorrágica hereditária: a escuta analítica de uma filha  
e sua mãe  
Maria Helena Pinheiro **Cardoso**
- 225 A relação mãe-bebê após uma gravidez de alto risco  
Flaviana Estrela **Maroja**
- 233 Síndrome do sobrevivente de concepção gemelar: o gêmeo  
desaparecido  
Joanna **Wilheim**
- 242 **Linguagem e cultura**  
243 O manhês e o impossível da língua  
Severina Sílvia **Ferreira**
- 253 A clínica de Linguagem de bebê: um trabalho transdisciplinar  
Erika **Parlato-Oliveira**
- 261 O bebê como criança de cuidado e proteção na Umbanda  
Benedicto Anselmo Domingos **Vitoriano**



## Prefácio

**D**evemos a Erika Parlato-Oliveira a organização do I Séminaire International Transdisciplinaire sur le bébé: clinique et recherche, que deu origem a este livro. Foi ela quem teve essa inventividade e a coragem e o empenho de levar adiante esta decisão. Lembremo-nos que ela é doutora em neurociências pelo Laboratoire des Sciences Cognitives et Psycholinguistique desta casa. Precisamos destacar isto, é muito importante inclusive para entender porque estamos aqui. A École Normale Supérieure da rua d’Ulm é o vaticano do saber na França.

Erika se preocupou para que este encontro em Paris com especialistas de diversas áreas em torno do bebê não fosse um pacote de saberes, mas que houvesse uma ética da transdisciplinaridade.

Encontrar o outro do Outro campo, que por definição é diferente de nós, não é uma coisa fácil. Talvez seja, nos bons casos, uma abertura para a Doutra Ignorância; termo do escolástico Nicolas de Cues, de que Lacan tanto gostava e que dizia ser a condição para novos saberes possíveis.

Sejamos honestos, acho que para cada um de nós aqui, houve coisas que não conhecíamos, elementos novos foram trazidos.

Ficou patente que o bebê hipercompetente desde o nascimento, que Trevarthen, Busnel, Dupoux nos mostram não é de conhecimento de todos. Por fidelidade à letra de Freud e de Lacan, ainda partem do pequeno no seu desarvoramento, na sua prematuridade constitutiva, confundindo o registro biológico, onde isso de fato se dá, com o registro de seu anseio por comunicar, que aprendemos agora.

Em alguns expostos o bebê começava chorando de fome no início e tudo se dava pela resposta ao choro repetido do bebê. O que Freud, ele mesmo, afirma e ao que dá o nome de “teoria do apoio”.

Não seguir ao pé da letra o que Freud, e até mesmo Lacan disseram sobre o bebê, seria traí-los? Eu acho que é mais importante identificar o espírito de seu trabalho. Não se pode pensar a obra de um ou de outro se não nos lembrarmos do interesse imenso que eles mostravam pelas pesquisas de seu tempo. Alfredo Jerusalinsky faz referência a isto. Como pensar Freud sem a física de sua época. Quanto a Lacan, falou-se muito da influência da linguística, da matemática. Devemos acrescentar a influência da cibernética, patente no seminário sobre o Eu. A célebre frase “o inconsciente é estruturado como a linguagem”, é uma frase cibernética.

Penso que se cada um de nós, na condição de que aceite provar frutos desconhecidos, cujos sabores podem surpreender pela sua novidade, se tivermos a chance de prová-los, isso pode nos levar a mudar nossos modelos.

Penso que há disso também, no que Alfredo Jerusalinsky apresentou sobre a transdisciplinaridade. Por exemplo, eu mesma me dei conta de que falava ainda de inato, pensando que Trevarthen pensava em inato a respeito do autismo no bebê.

Eu, por exemplo, pensava que o Trevarthen ainda acreditava que o autismo é inato no bebê. E ele já modificou sua maneira de ver, fala agora de uma "patologia desenvolvimental".

Antes de eu ter tempo de me interrogar sobre a minha posição quanto a isso, recebi um outro presente: o trabalho do Michel Ansermet, que infelizmente não temos para publicar aqui. Ele mostrou que há duas concepções: uma mais simples, mais linear, a dos desenvolvimentistas e uma muito mais complexa, com uma série de perspectivas que se influenciavam umas às outras e que ele chamou de "posição do devir". Vou ter de rever tudo isto. Talvez seja o meu salto epistemológico após nossas jornadas!

Acho muito interessante as novas leituras, entre psicanálise e neurociências, que é a especialidade do professor Michel Ansermet. A meu ver, na condição que ambas possam se deixar influenciar. Não só a neurociência vindo para o nosso campo mas também nos fazendo repensar nossos modelos.

Falou-se de Peirce aqui. Sabemos que é um autor que exige trabalho para ser apreendido. Ele não é só importante para a semiótica, mas também no trabalho com aqueles que ainda não falam: os bebês e os autistas sem linguagem.

Para nós, os lacanianos, ele é central. Sem trabalhar pelo menos alguns aspectos da obra de Peirce, não dá para entender o último Lacan, onde há uma revolução, um novo salto epistemológico. Qual é o interesse para nós de fazer semelhante esforço de apreensão? Por que nós vamos fazer isto? Porque me parece que o último Lacan nos traz conceitos muito mais úteis para a clínica do bebê. Instrumentos mais eficientes do que os que nos trouxera antes. Em particular, a noção de grande Outro como função que se estabelece, ou não, entre um bebê e seu outro. Houve, a meu ver, um problema em nosso congresso sobre os bebês. Foram os excessos de imaginarização, falou-se demais de relação mãe-bebê. Demais para Lacan com certeza. Será que basta o conceito anterior de Grande Outro – que eu mesma empreguei no passado, e que muitos de nós ainda empregam – como sendo um lugar que é ocupado pela mãe? A meu ver, não.

As últimas pesquisas mostrando a importância do papel do bebê, não só na interação sonora, mas em múltiplos registros, mostra que não dá para deixar a ela um encargo central tamanho.

Parece-me que entre o bebê e o outro cuidador há um efeito de *feedback* para voltar a empregar os modelos cibernéticos que Lacan propõe no *Seminaire II* sobre o Eu na teoria de Freud dos anos de 1954 e 1955.

Em todo caso, o que as novas pesquisas revelam é que o intuito de Dolto em 1956 era genial. Ao lado do adulto, eis um bebê que já se apresenta como sujeito potencial. Se ainda não é sujeito, tem essa potencialidade, da qual vai fazer uso ou não. Cada qual tem seu papel. Nesse caso, o conceito de Grande Outro como uma resultante, como uma função é muito mais atual e vai ficar muito mais cômodo para trabalhar com os nossos modelos. Agora vamos ter que pagar o preço para podermos entender direito esse último Lacan. Será que estamos prontos para dar esse salto epistemológico?

Um outro congresso está sendo proposto para daqui a 2 anos, aqui em Paris. O que é que poderíamos desejar? Pessoalmente eu faria votos para que pudéssemos dar mais relevância à articulação do simbólico do sujeito bebê, que é a base de todo nosso trabalho de clínicos, com o real e o imaginário do seu corpo, ou seja, a questão da imagem do corpo. Convidando, por exemplo, um geneticista para prolongar e nos dar ainda mais elementos do que o Alfredo pôde nos trazer falando dessa história de epigênese. Mas por outro lado, talvez isso vá no sentido do que a Claude Boukobza propunha: trabalharmos mais a questão do corpo, da imagem corporal, propondo que os nossos colegas que trabalham com sensoriomotricidade, da linha de Andre Bullinger, aluno do Ajuriaguerra possam vir expor seus trabalhos.

O Brasil está aqui representado de Norte a Sul, nos trabalhos que estão publicados na parte II deste livro, e que foram apresentados por aqueles que contribuíram com apresentações importantes neste Seminário. E foram muitos os que vieram, para este seminário, que em grande parte foi organizado no Brasil. Sinal dos tempos. O BRIC não é apenas uma realidade econômica do século XXI. É também uma realidade no campo da demanda de saber. Parabéns!

Paris, primavera de 2011.

*Marie Christine Laznik*